

A PRESENÇA DA LITERATURA NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC: CONEXÕES DIALÓGICAS COM PERCEPÇÕES DE DOCENTES DO ENSINO MÉDIO

ALEXSANDRO VITAL DE ALMEIDA

Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, alexsandroalmeida@hotmail.com ;

IVANDA MARIA MARTINS SILVA

Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE), Docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância (PPGTEG/UFRPE), Docente dos Cursos de Licenciatura em Letras e Licenciatura em Pedagogia (UAEADTec/UFRPE) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, ivanda.martins@ufrpe.br .

RESUMO

O estudo em tela tem como objetivo principal analisar as orientações curriculares direcionadas ao ensino de literatura no contexto do nível médio, considerando concepções subjacentes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018). O aporte teórico utilizado prioriza as seguintes referências – Cosson (2006); Neto (2007); Rouxel (2013); Soares (1999); Zilberman (1988). A metodologia utilizada durante a concepção do estudo fundamenta-se em uma abordagem predominantemente qualitativa, considerando técnicas procedimentais, tais como: estudo bibliográfico, análise documental, aplicação de questionários com docentes do ensino médio. Os resultados da pesquisa revelam que o ensino de literatura vem sendo pautado por um desenho curricular que parece não valorizar a literatura em sua dimensão multifacetada que transcende os limites de classificações e periodizações historiográficas.

Palavras-chave: BNCC; Ensino de Literatura; Letramento Literário; Ensino Médio.

1. INTRODUÇÃO

A reformulação do currículo em nível nacional contemplou a reforma do ensino de literatura, o que torna imprescindível um estudo mais atento do espaço dado ao texto literário no ensino médio, tendo em vista novos documentos curriculares norteadores, principalmente as orientações curriculares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Segundo Gabriela Luft (2014), presume-se que quando o leitor estiver apto para compreender plenamente um texto literário, estará preparado para apreender qualquer tipo de texto, pois o literário, muitas vezes, concretiza o uso mais complexo e elaborado da língua, além de oferecer espaço para todas as possibilidades de interpretação que podem ser apresentadas pelos demais textos.

O debate sobre currículo para ensino de literatura na educação básica precisa ser continuamente ampliado, quando consideramos, sobretudo, o tratamento dado à literatura no contexto do ensino médio. As orientações curriculares propostas para a educação literária podem influenciar as concepções e práticas pedagógicas direcionadas às atividades propostas para o estudo da literatura na escola.

Em sala de aula, a literatura sofre um processo inadequado de escolarização (SOARES, 1999), tornando-se pretexto para o ensino de questões periféricas que não dão conta da complexidade do fenômeno literário. Conforme Rezende (2013), a possibilidade de mudanças no trabalho pedagógico com a literatura na escola está associada ao “deslocamento considerável do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno”. (REZENDE, 2013, p. 106).

Este estudo tem por objetivo principal analisar as orientações curriculares direcionadas ao ensino de literatura no contexto do nível médio, considerando concepções subjacentes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018).

Como objetivos específicos, podemos listar os seguintes: 1. Identificar concepções de leitura literária e letramento literário nas orientações curriculares, considerando documentos a BNCC; 2. Avaliar a percepção de professores de literatura do ensino médio sobre a BNCC quanto às orientações curriculares para o ensino de literatura.

2. APORTE TEÓRICO

2.1. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que já estava previsto na Constituição Federal de 1988 para alunos do ensino básico, tendo sido ampliado recentemente para discentes do ensino médio, com a aprovação, em 2014, através do Plano Nacional de Educação (PNE).

O objetivo da BNCC é determinar qual o currículo mínimo para todos os estudantes das escolas de educação básica do país e quais são os objetivos de aprendizagem que devem ser previstos por professores e coordenadores quando da elaboração do projeto pedagógico da escola. A BNCC será a mesma para todo o Brasil, porém ela prevê espaços para conteúdos definidos pelas escolas e redes, de acordo com as particularidades de Estados e municípios.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento importante e bastante atual nas reflexões sobre o currículo (BRASIL, 2018), orientação de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens e competências essenciais para os estudantes ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

As escolhas literárias, para cada ano da escolaridade, pressupõem um sujeito em formação, seja ele criança, adolescente ou jovem, possuidor de repertórios literários, e membro de uma coletividade que compartilhe bens culturais com endereçamentos específicos, conforme a idade. Embora não se possam determinar cortes objetivos relacionados a preferências, estilos e temas, a BNCC evidencia, para cada etapa, um leque de gêneros literários adequados aos leitores em formação (BRASIL, 2018, p. 96).

Entendendo que a BNCC é um documento norteador para a ação docente, consideramos necessária a investigação da presença da literatura nessa documentação, bem como a forma pela qual está disposta, pois também é ela que direciona os professores em suas práticas pedagógicas. Enfocamos isso por compactuarmos com a ideia de que a presença da literatura há muito está comprometida no ambiente escolar, assim, faz-se urgente em orientações que norteiam o ensino dos professores sua (da literatura) confirmação como componente formador dos alunos.

2.2. ENSINO DE LITERATURA, LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTOS LITERÁRIOS

Entendemos literatura sob o foco apresentado por Annie Rouxel (2013, p. 18), como prática, como atividade, em que “o interesse se desloca para o campo literário, para os processos de produção e de recepção das obras e para os diversos agentes desse campo (escritor, edição, crítica, leitores, escola)”. Ao lermos o mesmo texto de diversas maneiras, evoca-se o conceito de polissemia (KLEIN, 2015, p. 31).

A literatura é uma forma de arte e de linguagem. A disciplina de literatura ministrada nas escolas públicas do ensino médio parece que se resume, em muitos casos, ao estudo das escolas literárias e, muitas vezes, ao trabalho com fragmentos de algumas poucas obras, não se interessando pelas questões sociais de formar discentes em leitores, cidadãos críticos e sem instigar a busca pelas amplas interpretações que são permitidas ao texto literário, enquanto instrumento de múltiplas significações.

Atualmente, parece haver uma preocupação maior quanto à especificidade do ensino de literatura, seja em qual nível for de escolaridade (ensinos fundamental e médio). Não se pode conceber ensino de literatura sem que haja leitura, pois como poderia haver literatura sem leitura, sem que houvesse o leitor? (NETO, 2007).

Segundo Neto (2007, p. 70),

nos programas de ensino de literatura das escolas, existe uma espécie de distanciamento temporal relacionado à época de estilo e de produção da obra como o de leitura e de capacidade de leitura por parte do aluno. Este me parece ser um dos pontos que mais gera o desestímulo, na medida em que o aluno ainda não tem experiência de leitura e de vida e já é posto diante de uma obra antecipadamente vista como clássica, distante em tudo de seu tempo (NETO, 2007, p. 70).

É de grande importância o papel da leitura em sala de aula para uma formação bem sedimentada dos alunos enquanto leitores. Zilberman (1982) evidencia a proposta de reintroduzir e resgatar a função principal da leitura em sala de aula, buscando recuperar o contato do discente com a obra literária, uma vez que, partindo deste intercâmbio, se amplificam os limites de conhecimento do real estabelecido entre texto e leitor.

Dessa forma, é o recurso à literatura que pode impulsionar com eficiência um novo pacto entre os alunos e os textos. A resignificação da

leitura dentro da sala de aula é uma maneira de oportunizar estratégias que abranjam a importância da literatura para a vida de cada indivíduo que tenha acesso a ela.

O ensino médio tem o objetivo de consolidar um nível de conhecimento que já vem sendo promovido durante o ensino fundamental. Percebe-se que a leitura dos textos literários é ferramenta capaz de possibilitar o aprofundamento e a compreensão indicada para este nível de escolaridade.

A leitura, portanto, passa a ter grande importância no processo que se desenvolve para compreender esse fenômeno chamado literatura. Quando a leitura é realizada e estimulada na escola, de maneira constante, os alunos passam a ver e a compreender melhor o mundo em que vivem.

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar. (MORAIS, 1996, p. 12).

Para tanto, a “concepção de leitura” não pode estar centrada em atitudes comportamentalistas como resposta e sim “um processo dinamizador da produção de sentidos por um grupo de pessoas, enquanto transação ou interação entre leitor e diferentes tipos de textos”. (SILVA, 2000, p. 13).

Segundo Neto (2007, p. 75), é sabido que um dever da escola, especialmente a moderna, não é apenas o de alfabetizar, mas estimular a leitura, desse modo estará favorecendo a transformação do indivíduo em um leitor com capacidade crítica, de mudança da sociedade na qual se insere. Infelizmente, o que se percebe pela prática escolar, é que a escola não privilegia a leitura como prática de sala de aula ao menos.

Dessa maneira, na sala de aula, podemos selecionar o livro que será lido e discutido pela turma. Já nesse momento, o professor precisa ficar atento ao processo de escolarização da literatura. São várias as instâncias de escolarização da literatura mencionadas por Soares (1999), a começar pela biblioteca que determina rituais de leitura, como se deve ler, o que ler e em quanto tempo ler. A leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização.

De fato, o texto literário somente será atualizado se o aluno-leitor desempenhar seu papel ativo de leitura no processo de interpretação. Uma vez que ler literatura exige do leitor conhecimentos prévios e experiências de leitura e de vida, e é por meio dessas experiências que fazem

o aluno-leitor ler o texto literário de seu modo, a partir de sua visão de mundo, e, quanto mais leituras, mais possibilidades de entender o mundo e a sociedade da qual este ser faz parte. As experiências de leitura farão com que o texto escrito seja contextualizado e, com isso, o leitor dará sentido à sua realidade.

Segundo Cosson (2006, p. 104), o letramento literário “é a competência de leitura que o aluno desenvolve dentro do campo literário, levando-o a aprimorar a capacidade de interpretar e a sensibilidade de ler em um texto a techedura da cultura”.

O letramento literário precisa proporcionar condições para que os estudantes consigam desenvolver habilidades que os possibilitem fruir os textos, entendendo-se fruição como um instrumento de domínio especial de apropriação de mecanismos de leitura, por intermédio do diálogo constituído entre autor-texto-leitor no movimento de construção-desconstrução-reconstrução dos conceitos encontrados, explorados e extrapolados pela experiência/vivência literária, constituindo o letramento literário.

É por entender essa singularidade que se define o letramento literário como “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). É importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do aluno-leitor em relação ao universo literário e não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Dessa forma, os textos literários ultrapassam o limite de *corpus*, isto é, não devem servir para metodologias que os utilizem como pretexto para atividades de linguagem e não propriamente para o desenvolvimento do letramento literário. Além do mais, acreditamos numa concepção transitiva da literatura, ou seja, como ato de comunicação em que há um “interesse pelo conteúdo existencial das obras, pelos valores éticos e estéticos de que são portadoras” (ROUXEL, 2013, p. 18).

O letramento literário tornou-se condição fundamental para o trabalho com a literatura e a formação de leitores na escola. Apesar de ser um conhecimento relativamente novo, há alguns anos se tornou centro de muitas discussões que se propõem a reestabelecer um trabalho qualificado, comprometido e eficiente com os textos literários em sala de aula.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, em termos metodológicos, priorizamos a abordagem qualitativa, tendo em vista a natureza da pesquisa no âmbito da educação básica, com foco na análise macro do desenho curricular proposto pela BNCC para ensino de literatura no nível médio. A presente investigação também foi desenvolvida a partir de pesquisa descritiva e interpretativa, por meio de técnicas procedimentais, tais como: estudo bibliográfico, análise documental, aplicação de questionários com professores do ensino médio, além de observações de aulas de literatura.

A interpretação das informações obtidas foi expressa ora em números absolutos e/ou percentuais, ora em transcrição das falas dos professores. Para o registro e análise dos dados utilizou-se o *software* Excel 2010. A coleta de dados só foi iniciada após autorização por parte da direção de cada escola estadual. Os docentes participaram da investigação mediante a autorização/assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LITERATURA, LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO NA BNCC

Desde as publicações dos documentos curriculares norteadores: PCNEM (1999), PCN+ (2002), OCNEM (2006) até as reflexões na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC, 2018), o ensino de literatura vem sendo pautado por um desenho curricular que parece não valorizar a literatura em sua dimensão multifacetada que transcende os limites de classificações e periodizações historiográficas.

De modo geral, o desenho curricular proposto associa a literatura às práticas de linguagem no âmbito do ensino de competências e habilidades direcionadas predominantemente ao ensino de língua portuguesa. Em relação à BNCC (2018), a primeira observação que se faz é a proposta de rompimento com o modelo habitual de progressão cronológica do conhecimento da literatura.

Tradicionalmente, a literatura no ensino médio tem se pautado por uma linha temporal, que se inicia supostamente com a origem da Literatura Portuguesa, com os primeiros textos dos primeiros trovadores galego-portugueses, estendendo-se pela abordagem do humanismo e do

classicismo em Portugal, passando depois a abordar simultaneamente a literatura portuguesa e a brasileira, nos séculos seguintes, numa sequência que leva até ao modernismo e às práticas contemporâneas.

Assim, no 1º ano do ensino médio, que tradicionalmente versa do Trovadorismo ao Barroco, a BNCC propõe como objeto de estudo, “produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea”. Não define, entretanto, o que vem a ser esse tempo de contemporaneidade. Já no 2º ano, propõe o estudo de “produções literárias de autores da literatura brasileira dos séculos XX e XIX”, e no 3º ano, estabelece o estudo de produções literárias de autores da literatura brasileira dos séculos XVIII, XVII e XVI. Nestes dois casos, os objetivos sempre devem ser tratados “em diálogo com obras contemporâneas”.

Vê-se claramente que a ênfase dada ao tratamento da literatura é o ponto de vista de obras contemporâneas, mas as razões pelas quais esta escolha foi realizada não foram documentadas. A BNCC propõe uma aproximação estratégica com o contemporâneo, isto é, supostamente com a dimensão reconhecida pelo público juvenil, especialmente quando ressalta que devem ser tratadas questões que interessam aos jovens. A falta de consciência da herança cultural brasileira é combatida na Base Comum com a tentativa de aproximação da cultura presente dos jovens, sujeita às flutuações dos momentos, em direção à cultura literária.

Seguindo a mesma ideia, a inversão da cronologia – séculos XXI; XX e XIX; e XVIII, XVII e XVI – propõe uma leitura de um conjunto de obras que partem de uma linguagem atual em direção a variações linguísticas históricas mais antigas. Nesse movimento, existe um silêncio notável a respeito das obras da Literatura Portuguesa, e em especial, das práticas de representação das letras dos séculos XII ao XV.

Desse modo, se a Literatura Brasileira ainda precisa ser mais difundida e compreendida por parte dos jovens, as matrizes portuguesas estão ainda mais distantes. O risco de um empobrecimento dos conteúdos de literatura é, aparentemente, real, dado que os sistemas oficiais de ensino se preocupam em garantir apenas o que é básico.

Na terceira versão da BNCC (2018), fica claro que se trata de “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades de educação básica” (BRASIL, 2018, p. 7).

No que se refere à área das linguagens, a organização continua a mesma da versão anterior sendo composta pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Artes, Educação Física e língua estrangeira

moderna (anos finais do ensino fundamental). Sendo que a literatura permanece como eixo de educação literária dentro do componente de Língua Portuguesa, que conta ainda com outros quatro eixos organizadores: oralidade, leitura, escrita e conhecimentos linguísticos e gramaticais.

Também, nas orientações da BNCC, a literatura ainda não encontra muitos destaques. A Base contempla as reflexões sobre a literatura na área de linguagens, tendo em vista as conexões com o estudo da Língua Portuguesa no ensino médio. O documento ressalta a fragmentação curricular no campo de língua portuguesa, como observamos na citação a seguir:

No ensino médio, o componente curricular língua portuguesa – a exemplo dos demais componentes – precisa lidar com o agravamento da fragmentação do conhecimento. Essa fragmentação - não obstante o esforço de constituição de áreas do conhecimento, já propostas nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio de 1998 (BRASIL, 1998) - é desafio a ser enfrentado ainda hoje e pode ser observada mesmo no interior do componente, em separações que isolam, por exemplo, práticas de escrita, de práticas com a literatura, ou de estudos sobre a língua (BRASIL, 2018, p. 505).

Com essa visão, a BNCC propõe que os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da língua portuguesa no ensino médio apresentem-se organizados em quatro eixos: oralidade, leitura, escrita e conhecimentos sobre língua/norma padrão. A literatura não é proposta como eixo, mas sim como campo de atuação em que as práticas de linguagem se realizam.

A BNCC propõe uma aproximação estratégica com o contemporâneo, isto é, supostamente com a dimensão reconhecida pelo público juvenil, especialmente quando ressalta que devem ser tratadas questões que interessam aos jovens. A literatura não é relacionada, dentro da área de linguagens, com o componente curricular Artes, apesar de ser uma autêntica forma artística.

No eixo temático “Literatura”, a BNCC (2018) propõe que:

[...] apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. Não se trata, pois, no eixo educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular

em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos (BRASIL, 2018, p. 65). [...] uma formação para o exercício da cidadania, que envolve a condição de se inteirar dos fatos do mundo, opinar e agir sobre eles; uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa (BRASIL, 2018, p. 506). A importância da interdisciplinaridade no ensino de literatura com outras manifestações artísticas (música, teatro, dança artes plásticas), inclusive sugerindo modos de interação, tais como: Analisar adaptações de narrativas literárias para o cinema, teatro ou TV, reconhecendo as especificidades e entrecruzamentos de linguagens; Perceber aproximações entre a literatura e outras manifestações artísticas, como a música, as artes plásticas, a pintura e a arquitetura, considerado seu contexto de produção (BRASIL, 2018, p. 513).

Letícia Malard (1985) defende que o ponto de partida para o ensino de literatura é o texto, refutando o ensino a partir da periodização e pontua, ainda, a importância da intertextualidade para a comparação dos textos. Para a autora, “a literatura é uma prática social tanto para quem a escreve quanto para quem a lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo” (MALARD, 1985, p. 10). A autora enfatiza que o texto literário possibilita a humanização do leitor e potencializa sua leitura crítica e reflexiva da sociedade na qual faz parte, assim esse texto transforma o leitor e a sociedade, e é essa a prática social que deve ser adquirida entre os seres.

É importante notar também a dissociação que se faz da literatura em relação à sua dimensão humanística. Na BNCC, a área de ciências humanas não aprofunda reflexões sobre a literatura, apesar da possibilidade de o texto literário despertar o debate humanístico em alto nível. A literatura também não é relacionada, dentro da área de linguagens, com o componente curricular Artes, apesar de ser uma autêntica forma artística. Embora seja tratada no campo artístico-literário, as conexões dialógicas

entre a literatura e as demais manifestações artísticas ainda precisam ser destacadas nas orientações curriculares propostas pela BNCC.

A literatura é aceita quase apenas como fornecedora de textos que permitem uma vista estética, ainda que, relacionado e situada historicamente. Existe uma redução do papel e do conteúdo de literatura nessa proposta, assim, priorizando outros conhecimentos. Percebe-se, nos objetivos da BNCC para Língua Portuguesa, um embate entre o norteamento instrumental da educação empenhado pelas Diretrizes Curriculares e a tentativa de aplicação de discursos humanísticos, críticos e reflexivos, numa perspectiva mais ampla.

A BNCC frisa ainda “a importância da interdisciplinaridade no ensino de literatura com outras manifestações artísticas (música, teatro, dança artes plásticas), inclusive sugerindo modos de interação, tais como: analisar adaptações de narrativas literárias para o cinema, teatro ou TV, reconhecendo as especificidades e entrecruzamentos de linguagens; perceber aproximações entre a literatura e outras manifestações artísticas, como a música, as artes plásticas, a pintura e a arquitetura, considerado seu contexto de produção” (BRASIL, 2018, p. 513).

É, pois, a partir de tais elucidações que amparamos nossas concepções para podermos explorar de forma mais contundente o que está disposto na BNCC para o ensino de literatura na escola, que inegavelmente necessita de ações melhoradas e de um novo repensar no público o qual está sendo atingido por elas. Focar mais em como o ensino de literatura se encontra nas instituições escolares dos nossos dias é uma questão que se torna primordial para os mediadores da leitura, que deveriam estar mais atentos ao processo de apagamento que a literatura tem sofrido.

Por outro lado, no eixo temático “leitura literária”, a BNCC (2018) propõe que:

Durante toda a educação básica deve-se favorecer a formação literária, de modo a garantir a continuidade do letramento literário, iniciado na educação infantil (BRASIL, 2018, p. 37). A leitura do texto literário deve estar no centro das aulas de literatura, reposicionando os estudos teóricos. Importa, em primeiro lugar, que os/as estudantes envolvam-se em dinâmicas diversas de leitura que lhes possibilitem vivenciar experiências literárias formativas e também conhecer a literatura de seu país. Essa formação envolve vincular os textos lidos ao seu contexto de produção - e aí entram, por exemplo, os estudos históricos - e

deve possibilitar que o/a estudante reflita, no interior das práticas de leitura, sobre o próprio processo de constituição da literatura brasileira (BRASIL, 2018, p. 507).

Segundo Beach e Marshall (1991, p. 38), “a leitura da literatura está relacionada à compreensão do texto, à experiência literária vivenciada pelo leitor no ato da leitura, ao passo que o ensino da literatura configura-se como o estudo da obra literária, tendo em vista a sua organização estética”.

Salientando esse espaço dado à leitura literária, em suas práticas artístico-literárias, na apresentação da BNCC é colocada a seguinte disposição: “Durante toda a educação básica deve-se favorecer a formação literária, de modo a garantir a continuidade do letramento literário, iniciado na educação infantil” (BNCC, 2018, p. 37).

As leituras dos discentes precisam ser mais valorizadas no espaço de sala de aula, ampliando-se a compreensão da leitura literária como processo de negociação e (re)construção de sentidos, em que o leitor tem papel fundamental (ISER, 2002; JAUSS, 1994).

Dessa forma, torna-se imprescindível o contato do estudante com o texto literário, sugerindo inclusive que os docentes lancem mão da história da literatura para possibilitar a compreensão do discente do contexto histórico-social no qual a produção a obra se deu. Vale destacar que fatos históricos devem ser considerados nas reflexões sobre processos alinhados à compreensão de obras literárias, e não para periodizar e decorar datas e escolas literárias. Por esses meios, o aluno será capaz de realizar uma leitura em um âmbito mais aprofundado, sendo capaz de entender no texto as escolhas estéticas e estratégicas utilizadas pelo autor, a historicidade, e, por fim, exercer o seu direito de vivência literária.

O objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é formar leitores, não qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive.

Logo, urge a necessidade de uma reformulação do espaço da literatura em sala de aula, assim como da compreensão que os docentes deveriam ter da literatura, enxergando a funcionalidade dela como algo que excede os limites de uma sala de aula, pois suas contribuições não são de maneira alguma restritas aos conteúdos. É dessa maneira que a literatura alcança o público de forma eficaz e rompe fronteiras no mundo de seus leitores.

Em relação a essas práticas, um tanto recuadas e insuficientes, da Base Nacional Comum Curricular quando se pensa em um letramento literário adequado ao perfil dos estudantes recorreremos ao que já dizia Zilberman (1988):

[...] a insistência na postura mimética. Os bons textos ensinam a escrever e a falar bem, erigindo-se em modelos a imitar. Consagra-se a tradição, cada vez mais distante de se pensar que os livros dos anos 50 ainda se valem dos mesmos títulos e autores do início do século [...] (ZILBERMAN, 1988, p. 110).

A BNCC aponta que o primordial não seria o ensino de literatura, mas sim a necessidade de a escola promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, como podemos observar na citação a seguir:

Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos (BRASIL, 2018, p. 65).

Como podemos notar, não fica clara a distinção que o documento propõe entre educação literária e ensino de literatura, o que certamente pode propiciar futuramente amplos debates, no sentido de se investigar, de fato, qual a proposta da BNCC para o trabalho com a literatura na escola.

Assim, quando tratamos do letramento literário, como objetivo maior da introdução da literatura no ensino médio, estamos considerando que através da leitura e da percepção estética do literário alcançamos um nível de análise, conhecimento e apreensão crítica do mundo permitido por sua representação estética e simbólica reconstruída pelas suas especificidades.

4.2. PERCEPÇÃO DE DOCENTES DE LITERATURA NO NÍVEL MÉDIO SOBRE A BNCC

Em relação à coleta de dados, para contextualizar os participantes, houve um total de oito (08) professores de Língua Portuguesa e Literatura, destes: quatro (04) são do sexo feminino e quatro (04) são do sexo masculino, ambos atuam em duas escolas públicas estaduais (Escola Estadual Antônio Inácio e Escola de Referência em Ensino Médio Professora Marilene Chaves de Santana). Todos os docentes possuem cursos de especialização na área em que atuam e um deles possui curso de pós-graduação (mestrado).

Desse modo, foi aplicado um questionário semiestruturado para docentes com perguntas acerca do ensino de literatura no nível médio à luz da Base Nacional Comum Curricular: como os participantes definem Literatura; se tinham conhecimento sobre a BNCC; como tem abordado a Literatura em sala de aula; se utiliza a BNCC para apoiar seu trabalho docente em sala de aula; se analisa a BNCC de forma global, no contexto do ensino médio, considerando competências e habilidades propostas para o Ensino de Literatura.

Mediante as variadas falas dos professores, percebemos as múltiplas definições acerca do que de fato é literatura. Muitas têm sido as tentativas de se definir a literatura. Eagleton (2006, p. 1) cita que é possível, por exemplo, defini-la como a escrita imaginativa, sentido de ficção escrita esta que não é literalmente, verídica. Porém, se refletimos, ainda que brevemente sobre aquilo que normalmente se considera Literatura, tal conceito não procede.

Os docentes revelaram ter conhecimento sobre as orientações curriculares do ensino médio, assim, em sua maioria, citando a BNCC. A partir da pesquisa realizada, entendemos que os docentes estão conscientes de que, para além da instância escolar e/ou avaliativa, a Literatura deve estar vinculada à formação humana.

No que tange a essa formação, verificamos uma forte demanda dos professores por orientações metodológicas a par dos conteúdos e assuntos dispostos nas orientações curriculares do ensino médio, uma vez que, quanto ao ensino de literatura em particular, os documentos carecem de aprofundamento teórico-metodológico.

Diante dos dados analisados, salientamos ser importante discutir amplamente as propostas curriculares e endossar mecanismos de participação dos docentes em seu processo de elaboração/aplicação/atualização.

Além disso, fazem-se necessárias discussões específicas a respeito da BNCC (2018), uma vez que são documentos curriculares relevantes para os professores, que os tomam como apoio e referência didático pedagógica e fonte de atualização. Acreditamos ser indispensável assegurar condições de estudo e aprofundamento dos textos curriculares, entre outros documentos importantes para a prática pedagógica (SUASSUNA; PEREIRA, 2013).

Os docentes relataram que os documentos curriculares os direcionam na prática escolar, tais como no planejamento de aulas, na orientação de conteúdos para ministração em sala de aula, suporte e apoio para facilitar o ensino e aprendizagem do aluno.

Os docentes avaliaram, de forma positiva, as orientações curriculares nacionais no contexto do nível médio dizendo que estas orientações norteiam o currículo a ser seguido pelo discente, direcionam metodologias, estratégias, porém não se aprofundam em suas avaliações sobre estes documentos norteadores, mas, também, reforçam que as mesmas devem ser adaptadas ao cotidiano do aluno, isso considerando competências e habilidades propostas para o ensino de literatura.

Rajo (2011), dialogando com esses documentos referentes à Língua Portuguesa, persiste sobre a necessidade de a instituição escolar formar leitores e escritores, advertindo para que essa procure ultrapassar os limites estreitos de suas práticas exclusivamente escolares ao conhecer e compartilhar a diversidade textual vivenciada por seus alunos-leitores.

Os professores informaram, em sua maioria, que a Reforma Curricular proposta para o ensino médio trará benefícios e malefícios ao aluno, também relataram que o estudante concludente do ensino fundamental não tem maturidade em escolher de forma efetiva o currículo necessário para formação dele próprio nesse nível de ensino. Ainda citaram que os componentes curriculares irão ser visto de forma reduzida, uma vez que priorizará o ensino tecnológico.

Em depoimento, o docente 01 relatou o seguinte:

Acho que pode representar de certa forma um perigo para o ensino de língua e literatura, pode ter uma abordagem mais técnica do que reflexiva, na medida em que se retira a obrigatoriedade de matérias que incentivam a reflexão, como Sociologia, por exemplo, pode promover um conhecimento descontextualizado da língua e da literatura (tornando o indivíduo menos questionador).

Ao perguntar sobre a situação do componente curricular literatura nessa proposta de Reforma Curricular, percebe-se que a maioria dos docentes não conseguiu se posicionar quanto a essa realidade, porém o docente 04 citou:

Vejo a iniciativa de anexo desta disciplina à língua portuguesa também como um retrocesso, desconsiderando assim a eficácia que a disciplina apresentaria vista independentemente, pois isto em longo prazo significa menos contato com a memória literária.

Conforme o questionário aplicado, percebemos que os professores se revelaram atônitos diante da necessidade de rever planejamentos didáticos e estratégias metodológicas para o trabalho com a literatura no ensino médio. As orientações curriculares da BNCC têm papel importante quando apresentam propostas em relação à literatura na escola.

É interessante observar que a formação do leitor de literatura acontece como um processo que inclui mais do que a construção de habilidades de leitura e interpretação de gêneros literários. É de suma importância dizer que leitores de literatura são leitores que aprenderam a gostar de ler literatura e o fazem por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura diferente, associada ao prazer estético. São alunos-leitores que descobriram também o valor da literatura.

Em síntese, a BNCC (2018) propõe uma orientação para o ensino de literatura no âmbito do nível médio, sem, muitas vezes, revelar sintonia nas concepções e reflexões teórico-metodológicas apresentadas. Enquanto isso, os professores revelam-se abismados em relação ao trabalho com a literatura na escola, principalmente após a Reforma do Ensino Médio proposta pela Lei nº 13.415/2017.

É importante que os professores revisitem criticamente as orientações curriculares para o ensino de literatura, a fim de garantirem que a essência da obra literária não se perca nas atividades voltadas apenas para práticas descontextualizadas que priorizam apenas a leitura literária como pretexto para ensino/aprendizagem de outras questões que não reconhecem o caráter plural da literatura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa revelam o lugar ainda periférico que a literatura ocupa na BNCC para o ensino médio, considerando concepções

subjacentes de leitura literária, literatura, letramentos literários, bem como competências e habilidades propostas para a educação literária na educação básica. Em síntese, o documento propõe uma orientação para o ensino de literatura no âmbito do nível médio, sem, muitas vezes, revelarem sintonia nas concepções e reflexões teórico-metodológicas apresentadas. Logo, podemos destacar que a literatura e a leitura literária só terão espaço na escola e, conseqüentemente, na comunidade quando se superarem certos desafios impostos pelo processo de revogação da literatura enquanto arte na própria escola.

Uma das alternativas possíveis para elevar a verdadeira importância da literatura, começaria pela própria prática de leitura na sala de aula: assim, para que o letramento literário seja de fato desenvolvido, a escola não deve limitar-se aos objetos lidos, mas também e, principalmente, à forma como a leitura está sendo provocada/ incentivada no seu interior, sobretudo, pelos professores e realizada pelos alunos.

Mesmo que algumas melhoras já tenham sido percebidas quanto ao que está mais adequado para a aprendizagem do alunado, é inegável que a Base Curricular precisa continuar avançando. Como tudo o que é “novo”, a BNCC também tem atropelado em si ferrenhas oposições, principalmente pelos fatores de viabilização, que por vezes estão desaranjados nos objetivos nela apresentados.

O currículo do ensino médio é continuamente discutido, mesmo tendo algumas manobras, e alguns documentos oficiais revelam-se como norteadores para os docentes que buscam repensar constantemente sua prática pedagógica com base em suportes teóricos e metodológicos, apesar de apresentar incoerências em seu texto na íntegra. Nesse sentido, um desafio colocado às práticas de letramento literário seria formar leitores competentes do texto literário sem cortar a experiência de autonomia e fruição que singularizam a leitura de literatura.

Uma das maiores divergências que se verificam nas aulas de literatura é, por exemplo, a pouca expressão dada à própria obra literária, que, em geral, é apresentada aos discentes como algo impossível de se desvendar ou entender ou é trabalhada como se o mais importante fosse decorar a cronologia das tendências estéticas e vida e obra dos autores. Assim, quando o texto literário é levado para a sala de aula, acaba servindo apenas como instrumento pedagógico para transmissão de conteúdos linguísticos, e a leitura, muitas vezes, é vista como algo não prazeroso e metódico.

É importante também que se faça entender que o ensino de literatura tem suas peculiaridades e que, devido a elas, seus programas e objetivos devem ser próprios, não se assemelhando a outros de outras disciplinas. É necessário compreender que a leitura não é uma perda de tempo em sala de aula, que é fundamental o seu espaço e, além disso, deve ser vista de forma diferenciada em relação à prática escolar de outras disciplinas. Portanto, o professor tem uma grande parcela de responsabilidade no quadro geral como se apresenta, pois é ele conhecedor do objeto, pelo menos dever ser, a ser apresentado ao estudante.

As práticas de letramento literário pressupõem todas as práticas que envolvem a escrita literária, cuja linha essencial é a marca de ficcionalidade. No que diz respeito ao uso dos letramentos na escola, partilhamos do entendimento de Coscarelli (2009, p. 549), quando afirma que “precisamos, portanto, ensinar nossos alunos a lidar com textos variados, de gêneros diversificados, em todos os ambientes, inclusive o digital”.

É preciso que se prepare o aluno para uma “educação na era digital”, motivando-o a entender que a escola está inserida no contexto da cibercultura, aperfeiçoando o grau de letramento dos alunos. Desse modo, desenvolver e ampliar, nos estudantes, competências para o letramento revela-se como pré-requisitos para a escola participar ativamente da cibercultura, como instituição responsável pela promoção da cidadania a partir das práticas de linguagem, como a leitura e produção de textos. Enfim, a possibilidade de pesquisar, ler e conhecer sobre os mais diferentes assuntos navegando na internet confere ao discente um novo perfil de estudante, que exige também novo perfil de professor.

Assim, o professor torna-se responsável em despertar no estudante o gosto pela literatura, fazendo da leitura literária um exercício de prazer e não uma obrigação. Em resumo, é necessário pôr em prática o letramento literário, tirando-o da condição de mero discurso em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BEACH, R., MARSHALL, J. **Teaching Literature in the secondary school**. USA : Harcourt Brace & Company, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira Versão Revista. MEC. Brasília, DF, 2018.

COSCARELLI, C. V. Textos e hipertextos. Procurando o equilíbrio. **Linguagem em (dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 549-564, set./dez. 2009.

COSSON, R. Letramento literário: educação para vida. **Vida e Educação**, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ISER, W. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 2a ed., p.105-118, 2002.

JAUSS, H. R. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo : Ática, 1994.

KLEIN, J. A. **Leitura e ensino de literatura contemporânea no ensino médio**: um olhar crítico sobre livros didáticos do PNLD 2015. Frederico Westphalen, agosto de 2015. 131p.

LUFT, G. F. **Retrato de uma disciplina ameaçada**: a literatura nos documentos oficiais e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). 2014. 302p.

MALARD, L. **Ensino e literatura no 2º grau**: problemas & perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

NETO, J. P. A Leitura como pressuposto ao ensino de Literatura. **Revista ECOS**. Edição nº 006 - Dezembro 2007. 70-78p.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. **Escola e Leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Editora Global, 2009.

REZENDE, N. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, pp.99-112.

ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (org). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SUASSUNA, L; PEREIRA, M. K. T. Ensino de literatura brasileira: investigando concepções de professores da rede estadual de Pernambuco sobre orientações e documentos curriculares oficiais. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 02, p. 38 – 57, set./dez. 2013.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: _____. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Editora Mercado Alegre, 1982.

_____. **A leitura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.